

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



TENGARRINHA, José Manuel Marques do Carmo Mendes

(Portimão, 1932 – Loures, 2018)

O seu percurso biográfico esteve sempre ligado à actividade política, jornalística e aos estudos históricos. Nasceu em Portimão (12/04/1932), tendo frequentado em Faro o curso liceal que completaria no Liceu Charles Lepierre em Lisboa, para onde viera aos 17 anos. Cedo se envolveu numa intensa actividade política de oposição ao regime político no poder, quando ainda estava no Algarve, no MUD juvenil. Anos mais tarde, viria ser encarcerado na colónia penal de Penamacor, depois de ter sido expulso do corpo de oficiais milicianos, acusado de praticar actos políticos que colocavam em perigo a segurança do Estado. Membro da oposição tanto ao governo salazarista como marcelista, interveio no MUD, sendo um dos fundadores do Movimento Democrático Português (1960). Ao longo da sua vida foi várias vezes preso pela polícia política (PIDE), estando no 25 de Abril de 1974 encarcerado em Caxias, em regime de isolamento e incomunicável, e saindo em liberdade dois dias depois. Mas regressemos à década de 1950. Durante a sua intermitente frequência do curso de licenciatura, motivada pela sua actividade política e jornalística interessou-se pela história oitocentista, um dos tópicos de investigação que recorrentemente visitou ao longo da sua carreira académica. Participou na revista *Vértice*, e desde 1953 foi jornalista profissional no jornal *República*. Aquando da fundação do *Diário Ilustrado* (1956) passa a integrar o seu corpo jornalístico. Em 1958, licenciou-se em Histórico-Filosóficas na Faculdade Letras da Universidade de Lisboa, com uma tese intitulada *António Rodrigues Sampaio, Desconhecido*. Dois anos depois seria chefe de redacção do *Diário Ilustrado*, sendo em dezembro desse mesmo ano preso por motivos políticos.

Participa em outras publicações na revista *Vértice* onde conviveria com nomes da cultura portuguesa, como Júlio Pomar, António Saraiva, ou Maria Lamas, e na *Seara Nova*. Logo no início da sua participação nesta publicação, no número comemorativo do cinquentenário da República (nº1378-79-80-Set/Out.1960), escreveu um artigo sobre *José Félix Henriques Nogueira - O primeiro republicano português*, que surge na sequência dos artigos de António Saraiva - *República desconhecida*, e Maria Lamas - *Primeiras leis da República e a Mulher*. Ainda nesta revista, inicia, em 1961, a publicação de um extenso ensaio sobre tradição e revolução, a partir da análise da figura de Mouzinho da Silveira. José Tengarrinha continuava, assim, a revisitação da história oitocentista portuguesa, retomando aquele que fora o objecto da sua tese de licenciatura. Também na *Seara Nova*, desenvolve crítica de obras historiográficas de autores como Vítor Sá, Jacinto Baptista ou Flausino Torres. Para o *Diário de Lisboa* redige uma série de artigos sobre António Rodrigues Sampaio, os quais foram premiados, em 1962, pela *Associação dos Homens de Letras do Porto*.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Ainda em 1961, a par da sua intensa actividade jornalística, leccionou no ensino técnico. No final do ano, em Dezembro, foi encarcerado no Aljube, pela polícia política, tendo sido torturado e permanecido incomunicável. Saiu dois meses depois, sob proibição de exercer a sua actividade profissional. No ano seguinte, a *Fundação Calouste Gulbenkian* concedeu-lhe uma bolsa de estudo por três anos para prosseguir as suas investigações em torno da História de Portugal oitocentista. A sua acção cultural continuaria a desenvolver-se por diferentes tipos de intervenções, nomeadamente através da difusão da investigação que estava a ser produzida no seio da academia. A sua participação, seja como fundador seja posteriormente como director do Centro de Estudos do Século XIX do *Grémio Literário* (1969-1974), é disso exemplo.

Ao longo da década de 1960 trabalhou sobre figuras como José Estevão, tendo publicado, em 1962, o estudo intitulado *Obra Política de José Estêvão*. Três anos depois publicaria a sua *História da Imprensa periódica portuguesa*, não deixando de se interessar pelas questões da recepção da escrita, redigindo, por exemplo, um estudo intitulado *A novela e o leitor português: estudo de sociologia da leitura* (1973). Não deixa de ser significativo o facto de traduzir obras em parceria com Maria Armada Falcão, como *o Idiota*, de Dostoievski (Portugália, 1963), *Os cavaleiros*, de Ianovski (Portugália, 1966), *A viela de Moscovo*, de Ilya Ehrenbourg (Celidis, s.d.). No ano lectivo de 1972/73 participou na leccionação das cadeiras de Economia IV e V, no *Instituto Superior de Economia*, abordando temáticas em torno da História Económica de Portugal (séculos XVIII-XX).

A partir de Outubro de 1974 leccionou História Contemporânea no Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. E interveio intensamente na vida política, nomeadamente como membro dirigente do MDP/CDE. Foi deputado à *Assembleia Constituinte* (1975) e à *Assembleia da República* (1980-1987). Ao longo de toda a sua vida continuaria a ter uma intervenção política e cívica para além de uma permanente actividade académica, continuando ligado ao jornalismo seja como articulista seja como professor. Com efeito, entre 1974 e 1982 leccionou História do Jornalismo no curso Superior de Jornalismo no *Instituto Superior de Meios de Comunicação Social*.

Em 1993 doutorou-se, sob a orientação de Jorge Borges de Macedo, com uma tese sobre os *Movimentos populares agrários em Portugal (1751-1825)*. Já por volta de 1972 estivera inscrito na Sorbonne para aí realizar um doutoramento em História sob a direcção de Albert Soboul, aprofundando estas temáticas. Contudo, diferentes contratempos não lhe permitiram então concretizar esse objectivo. Seguindo Ernest Labrousse, Georges Lefebvre, Albert Soboul e Albert Silbert, investigou continuamente as temáticas sociais, focalizando a sua atenção numa análise inovadora e exaustiva dos movimentos agrários. Ao longo da sua carreira universitária, que culminou com a jubilação como Professor Catedrático do Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa, foi professor convidado em várias universidades estrangeiras, sendo o seu trabalho sido objecto de reconhecimento internacional.

A sua obra ensaística foi tocando a História oitocentista e novecentista. Os vários textos por ele publicados evidenciam uma constante procura no sentido de descodificar, através da análise de fontes várias, aquele que tinha sido o esforço patente no final do nosso século XIX em delimitar a historiografia da filosofia da História, num tempo em que se reivindicava a cientificidade da História, usando-se o método histórico-



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

filológico como instrumento de comprovação da veracidade. É exactamente neste campo de investigação que em 1975-76 prefaciou e anotou o *Diário da Guerra Civil (1826-1832)* do Marquês de Sá da Bandeira.

Por outro lado, a contemporaneidade e os seus desafios historiográficos levam-no a publicar, na década seguinte, os *Estudos de história contemporânea de Portugal*. Para além de editar um livro sobre *A historiografia portuguesa, Hoje*, prosseguiu esta vertente interrogativa através do diálogo que estabeleceu com a historiografia brasileira, organizando com José Jobson Arruda a *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Coordenou igualmente uma *História de Portugal*, na qual coligiu ensaios temáticos, onde participaram vários historiadores portugueses e brasileiros.

Os contornos da intervenção política e cívica foram igualmente objecto da sua reflexão, seja em textos como *Combates pela democracia*, ou, já no novo milénio, *E o povo, onde está: política popular, contra-revolução e reforma em Portugal*, seja nos perfis que foi revisitando ao longo do seu trabalho como historiador. 49 anos volvidos sobre a sua primeira obra em torno de José Estevão, retomou a biografia deste pensador e interventor político. José Manuel Tengarrinha preocupou-se também com as instituições político-administrativas, tendo publicado sob a sua direcção uma *História do Governo Civil de Lisboa*.

A História regional e local foi de igual modo objecto do seu interesse, tendo desenvolvido o seu estudo tanto no âmbito da sua carreira académica, como intervindo ao longo da sua vida no espaço onde era munícipe, o que lhe valeu distinções como a medalha de Mérito Municipal (1996) e Medalha de Honra (2005) por parte da autarquia de Cascais. Ao longo de décadas dirigiu os *Cursos Internacionais de Verão* (Cascais 1992-2017) e presidiu ao conselho de administração do *Instituto de Cultura e Estudos Sociais* (Cascais), dinamizando diversos cursos que tocaram temáticas em torno da História local e do Património. Ainda nesta área fundou e presidiu ao *Centro Internacional para a Conservação do Património* (CICOP – Portugal). Para além do espaço onde vivia, aquele em que nascera seria igualmente objecto da sua atenção, tendo coordenado, em 2011, a obra *Portimão e a revolução republicana*.

José Manuel Tengarrinha recorria no seu labor investigativo às várias valências dos saberes, procedendo a um questionamento analítico multidisciplinar. Desde cedo procurou desocultar a recepção da escrita, examinando diferentes vertentes, nomeadamente as questões em torno do leitor. Para além do acima citado texto sobre a novela e o leitor português (1973) regressou à reflexão em torno da *Imprensa e opinião pública em Portugal* em 2006. Três anos antes publicaria *Da liberdade mitificada à liberdade subvertida: uma exploração no interior da repressão à imprensa periódica de 1820 a 1828*.

A história social, da qual seria um dos cultores, foi sempre um dos seus espaços de intervenção historiográfica. Dedicou-se ao estudo dos movimentos populares agrários e operários, muito em particular nos séculos XIX e XX, sempre pautando o seu discurso historiográfico pela precisão hermenêutica, usando precisamente uma terminologia que visava depurar, de um uso mais ou menos coloquial e algo indiscriminado, classificações como as atribuídas a movimentações sociais, onde por vezes se recorria a termos como tumulto, motim ou revolta, como se se tratasse de sinónimos. O próprio pensamento de José Manuel Tengarrinha neste campo foi evoluindo, sendo necessário ainda traçar a sua evolução. Ao exercitar ao longo de décadas o seu ofício de historiador, atendeu à tríplice dimensão do conceito de cultura, ontológica,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

antropológica e saber constitutivo, tomando a *História como um iter*, onde o conhecimento do passado se constitui como premissa nuclear para se entender o presente e se transformar o futuro. Atendeu a possíveis contaminações autorais e temáticas, procurando linguagens, públicos e impactos no quotidiano, e validando o objecto de estudo num processo que se institui como contínuo. Na sua constante revisitação dos seus objectos de estudo imprimiu sempre um olhar crítico e de permanente depuração interpretativa, sendo exemplo deste exercício as sucessivas edições da sua *História da Imprensa periódica*. Com efeito, na sua análise ecoam os “documentos culturais” que ganham inteligibilidade nas conexões tecidas tanto com as condições sociais da comunidade, de onde emanam, como com o público, ao qual eram destinadas. Consciente da porosidade existente entre a escrita literária e a escrita jornalística, José Manuel Tengarrinha distingue *epistemicamente* os campos. Não recorre a uma “hospitalidade acrítica”. Pelo contrário, toma todo o material investigativo compulsado ao longo de décadas, e complementa a informação histórica, obedecendo a uma declarada dimensão historiográfica. José Manuel Tengarrinha foi sempre um artífice da História, manuseou a dimensão temporal, lendo criticamente os contextos gerais, interrogando-se como sujeito histórico, atendendo ao detalhe marcado por uma “nervosidade do processo social”, como gostava de categorizar diferentes conjunturas e ritmos evolutivos. Até ao derradeiro dia, o de 29 de junho de 2018, procuraria intervir activamente na esfera pública.

Bibliografia activa: *Obra Política de José Estêvão*, Lisboa, Portugalia, 1963; *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa, Portugalia, 1965. (2ª ed., revista e aumentada, 1989); “Mouzinho” *Seara Nova*, n.º 1389-90, pp. 140-142, 168; n.º1391-92, Set.-Out1961, pp.140-142, 168;nº 1400, Jun.1962pp.140-142, 168;n.º1401,Jul.1962, pp. 140-142,168. Disponível em http://ric.slni.pt/Seara_Nova/visualizador?id=09913.041.018&pag=6 [consultado a 30/06/2021]. *A novela e o leitor português: estudo de sociologia da leitura*, Lisboa,Prelo, 1973; *Diário da Guerra Civil (1826-1832) – Sá da Bandeira*, 2 vols, Lisboa, Seara Nova, 1975-1976; *Combates pela democracia*, Lisboa,Seara Nova, 1976; “As greves em Portugal: uma perspectiva histórica do século XVIII a 1920”. *Análise Social*, XVII (67, 68, 69), 1981, pp. 573-601; *Manuel Fernandes Tomás - A revolução de 1820-* Lisboa, Editorial Caminho, 1982; *Estudos de História Contemporânea de Portugal*. Lisboa, Ed.Caminho, 1983; *Movimentos Populares Agrários em Portugal, 1751-1825*, 2vols. Lisboa, Europa-América, 1994; José Jobson Arruda (co-ed). *A Historiografia Portuguesa, Hoje*. São Paulo, Hucitec,1999; “Le Monde Rural Portugais aux XVIII et au XIX Siècle», in *La politisation des campagnes au XIXe siècle, France, Italie, Espagne, Portugal. Actes du Colloque international organisé par l'École française de Rome*. Rome,École Française de Rome,2000, pp. 315-326; *História de Portugal*. São Paulo, UNESP e EDUSC, 2000; «Alberto Arons de Carvalho, A Censura à Imprensa na Época Marcelista, 2.ª ed., Coimbra, Minerva, 1999, 148 páginas». *Análise Social*, XXXV (Verão), 2000, 431-435; *História do Governo Civil de Lisboa*, 2 vols. Lisboa,Governo Civil do Distrito de Lisboa, 2002. *Uma Liberdade Mitificada à Liberdade Subvertida-Uma exploração no interior da repressão à imprensa periódica de 1820 a 1828*, Lisboa, Colibri, 2003. *Imprensa e Opinião Pública em Portugal*. Coimbra, Minerva Coimbra, 2006; *E o Povo Onde Está? Política Popular, Contra-Revolução e Reforma em Portugal*. Lisboa, Esfera do Caos,2008;

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Portimão e a revolução republicana, Lisboa, Texto Editores, 2010; José Estêvão. *O Homem e a Obra*. Lisboa, Assembleia da República, 2011; *Nova História da Imprensa Portuguesa das Origens a 1865*. Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2013.

Bibliografia passiva: Avelar, Ana Paula Menino. “José Manuel Tengarrinha e a civilização do jornal em Portugal: a Nova História da Imprensa Portuguesa – das origens a 1865”. *Cascais Interartes Crossroad of the Arts*, 1, 2019, pp. 93-107. Disponível em <https://fliphtml5.com/kyoil/thvz/basic> [consultado a 30/06/2021]; Beja, Manuel Monteiro de Oliveira, *O Livro em Transição: Edição e Comércio do Livro em Portugal (1970-1980)*, Aveiro: Universidade de Aveiro, 2018. Disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/24872/1/Tese.pdf> [Consultado a 30/06/2021]; Macedo, Jorge Borges de. “Prólogo breve a uma leitura urgente”, in J. M. Tengarrinha, *Movimentos Populares Agrários em Portugal, 1751-1825*. Lisboa, Europa-América, vol. I, 1994, pp. 18-29; Letria, José Jorge *José Tengarrinha: o passado que ilumina o futuro. Diálogo com José Jorge Letria*. Lisboa, Guerra e Paz Editores, 2015; Lemos, Mário Matos. *Candidatos da Oposição à Assembleia Nacional do Estado Novo (1945-1973). Um Dicionário*, Lisboa, Divisão de Edições da Assembleia da República e Texto Editores, Lda, 2009; Marinho, Duarte de Babo e Nuno Bessa Moreira “Breve resenha biográfica de José Tengarrinha (1932-2018): opções historiográficas e a História da Imprensa Periódica como possível eixo” *Livros ICNOVA*. 2021, pp. 487-502. Disponível em <https://coleccionicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/article/view/30> [consultado a 30/06/2021]; Matos, Sérgio Campos, David Luna de Carvalho e António Borges Coelho “José Manuel Tengarrinha (1932-2018), historiador”, in *Ler História –Open Edition*, nº78, 2021, pp. 241-250. Disponível em <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.8473> [consultado a 30/06/2021]; Marques, Viriato Soromenho, “José Manuel Tengarrinha (1932-2018): O Homem que amava a verdade e não sabia odiar” in *Diário de Notícias*, edição online, Disponível em <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/viriato-soromenho-marques/jose-manuel-tengarrinha-1932-2018-o-homem-que-amava-a-verdade-e-nao-sabia-odiar-9532400.html> [consultado a 30/06/2021]; Monteiro, Nuno Gonçalo. “A História social em Portugal (1779-1974) Esboço de um itinerário de pesquisa”, 2017, pp. 183-200.

Ana Paula Menino Avelar